



## **ANTROPOLOGIA NA MULTIDÃO: UM NOVO OLHAR SOBRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS DOS CLUBES DE FUTEBOL DO RECIFE.**

EDUARDO ARARIPE PACHECO DE SOUZA

### **Introdução**

O ano de 2014 será mais uma vez marcado pela realização de um evento de dimensões mundiais: a copa do mundo de futebol. O Brasil, país escolhido pela Federação Internacional de Futebol Associados (FIFA) como sede do evento, já começa a “respirar” os ares das beneficinas agregadas, mas também as preocupações e encargos da organização. A cidade do Recife-PE será uma das sub-sedes escolhidas e também pretende realizar ajustes estruturais necessários à promoção da competição. Em meio às necessidades e demandas que surgem em torno da temática da copa do mundo, alguns assuntos corriqueiros do meio futebolístico ganham espaço nas mesas de discussões, assuntos que são, por muitas vezes, tratados de forma secundária e administrados sem medidas práticas, mesmo que se constituam em riscos potenciais para os organizadores e freqüentadores dos estádios de futebol. Entre esses problemas muito se tem discutido sobre o papel, o significado e os riscos produzidos pela ação das Torcidas Organizadas dos clubes de futebol do Brasil, bem como vem ganhando a cada dia espaço de destaque nos veículos de comunicação de massa, configurando entre as principais preocupações do poder público e da sociedade organizada, sobretudo à medida que os transtornos continuam ocorrendo e produzindo vítimas.

O presente artigo tem a pretensão de produzir uma reflexão sobre o grupo social “Torcida Organizada” (T.O), buscando uma análise diferente da maioria dos estudos e artigos já realizados sobre a temática, considerando que esses trabalhos retratam a T.O apenas como espaço promotor de violência e desordem social, dentro e fora dos estádios. Propomos analisar a T.O como um espaço de sociabilidade e expressão de identidade e sentimento de pertença de indivíduos de vários grupos e classes sociais, que se identificam e se reconhecem como integrantes de um mesmo grupo, através de seus símbolos e valores.



Também se constitui objeto do trabalho caracterizar o grupo social T.O como um fenômeno tipicamente urbano, conseqüência do processo de desenvolvimento e urbanização que marca a cidade e produz o urbanismo como condição de vida dos moradores das principais cidades do mundo. Defendemos que as características básicas que constituem o padrão de comportamento dos integrantes das T.O dos grupos estudados são repercussões claras desse processo de urbanismo os quais destacamos o superficialismo, o anonimato, a inconstância e o caráter transitório das relações. Esses grupos são criados numa tentativa de compensação dos infortúnios e do isolamento vivenciados na metrópole, seja para a obtenção de uma identidade, lazer e cooperação, ou mesmo como forma de auto-afirmação e destaque numa sociedade que prioriza o singular.

### Metodologia

As análises privilegiarão os discursos coletados e as observações realizadas em pesquisa de campo durante a realização de jogos válidos pelo campeonato pernambucano de futebol dos anos de 2009 e 2010, e do campeonato brasileiro de 2009, sobretudo nos chamados “clássicos” momento em que os clubes aos quais as torcidas organizadas observadas se enfrentaram.

Para discorrer sobre esse processo desenvolvo, inicialmente, uma breve exposição sobre o processo de formação das torcidas organizadas como um fenômeno tipicamente das cidades, ou melhor, urbano, concentrando nossa abordagem teórica sobre os autores da escola antropológica de Chicago. Na segunda parte do artigo defendemos o grupo social Torcida Organizada como um espaço de possibilidade de sociabilidade abordando as noções de *cooperação, simbolismo, e alteridade*.

Desta forma, sabemos do desafio de analisar e tentar romper com visões reducionistas que se restringem a associar e caracterizar as torcidas organizadas apenas como espaço de violência, contudo, mesmo sabendo que não se constitui em tarefa fácil, pretendemos iniciar uma série de novos diálogos e possibilidades de análises sobre esse grupo social.

### Referencial Teórico

Muito se tem discutido e teorizado sobre os efeitos que a vida na cidade, sobretudo nas grandes cidades, provoca no cidadão. O individualismo, o anonimato, a desestruturação



da vida familiar, a competitividade, a “*economia do dinheiro*”, são características que marcam as novas gerações das cidades. Contudo, para Park<sup>1</sup> (1987: p.23), “*a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes transmitidos por essa tradição*”, ou seja, não é meramente um amontoado de pessoas em uma estrutura física construída. A cidade produz, reproduz e é produzida pelas relações e ações sociais. WIRTH, ao se referir aos traços característicos do modo de vida urbano, defende que:

“(…) têm sido descritos sociologicamente como consistindo na substituição de contatos primários por secundários, no enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social” (p.109).

Nesse contexto, a identidade social dos jovens passa a ser firmada na necessidade de “ser diferente”, uma tentativa diária de provar que é capaz, seja através de práticas construtivas para a vida social (estudo, mercado de trabalho, atividade artística, esportes, etc.), seja através de atos ilícitos (consumo e venda de entorpecentes, violência, crimes, etc.), contudo, que os tornem visíveis por algum intervalo de tempo. Para PIMENTA<sup>2</sup>, o conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, “*prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre grupos rivais*”.

Essas condições impostas pela vida na cidade, segundo PARK, que produzem distanciamento nas relações de compreensão, simpatia e acolhimento, “*as condições de controle social são grandemente alteradas e as dificuldades aumentadas*” (p.50). Assim, a violência é apontada como a principal herança da desestruturação das relações sociais na vida urbana. Ao comentar sobre a atitude mental da *reserva*, que surge nas relações entre os metropolitanos, Simmel (1987: p.17) afirma que:

“(…) o aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais frequentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão

<sup>1</sup> PARK, R.E. A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano, In: VELHO, O.G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

<sup>2</sup> PIMENTA, C.A.M. *Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, Vogal, 1997.



mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que tenha sido provocado”.

Essa modificação no *modus-operandi* de se fazer futebol, voltado, sobretudo a partir da década de 70 repercute na forma do cidadão-torcedor se comportar no interior e fora dos estádios. Não basta mais torcer pela vitória do seu time, mas, tem que ser mais rico, com melhores patrocínios, com mais títulos, com mais poder. O esporte lúdico se transforma no espelho do homem da grande cidade. Para MARIVOET<sup>3</sup> (1992: p.213), essas mudanças estruturais no futebol, somadas ao colapso do mercado de trabalho e a expansão do mercado de tempo livre para os jovens possibilitou na Inglaterra o surgimento do *hooliganismo*<sup>4</sup>, o qual foi por muito tempo associado ao surgimento das torcidas organizadas no mundo todo.

O surgimento das T.O foi registrado em Portugal, no final da década de 1960, expandindo-se por todo mundo sob a influência dos *hooligans* ingleses como torcidas uniformizadas, chegando ao Brasil por volta de 1969, de forma “organizada” e independente, sendo a “Gaviões da Fiel”, do Corinthians-SP a pioneira desse modelo de torcidas no Brasil. Para MARIVOET, os jovens que antes da década de 1950, tradicionalmente iam aos jogos acompanhados pelos pais, tios ou avôs, e consequentemente debaixo do controle familiar, começaram a partir da década de 1960 a frequentar os estádios com amigos da mesma faixa etária, perdendo-se esse mecanismo regulador. Adultos e, sobretudo jovens, principalmente ocupantes das classes sociais mais baixas são atraídos para esses grupos que se organizam, inicialmente apenas nos jogos de futebol, em busca de uma possibilidade do encontro com valores que os identifiquem e os tornem pertencentes de um grupo social que os acolha, indistintamente de cor, religião, nível educacional e econômico. Necessitam apenas estar dispostos e disponíveis a defenderem os símbolos e valores da torcida.

### **Considerações finais**

<sup>3</sup> MARIVOET, S. *Uma perspectiva teórica do hooliganismo no futebol*. Horizonte, Lisboa: Livros horizonte, V.8, 1992.

<sup>4</sup> Conceito que designa a violência organizada e premeditada nos espetáculos desportivos, em especial o futebol, surgido nos finais dos anos 1950 na Grã-Bretanha.



“Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto”.

(BAUMAN, 2005: P.35)

Acreditamos que a violência praticada pelas torcidas organizadas se constitui, ao menos no *sensu comum*, na própria identidade desses grupos, de forma que não podemos nem pretendemos ignorar os acontecimentos envolvendo esses torcedores. Contudo, essa mesma percepção dos olhares alheios que faz do integrante de uma torcida organizada um “marginal em potencial” também credencia ao cidadão de baixa renda, de pele escura ou mestiça, o mesmo rótulo. Enquanto os incidentes ocorridos em nossos estádios, sobretudo os que envolvem as torcidas organizadas continuarem a ser tratados de forma imediatista e isolada, como “caso de polícia”, estaremos sujeitos à repetição das mesmas ações que buscam reprimir a violência urbana através de políticas de segurança pública, ignorando a origem dos problemas sociais da nação. O homem da cidade cria seus refúgios, suas compensações, e nas palavras de WIRTH (1987: p.111), “*Em virtude da ineficácia de laços reais de parentesco, criamos grupos fictícios de parentesco*”.

O fenômeno das torcidas organizadas é social e cultural, passivo de produzir violência mas também de sofrê-la, devendo ser consideradas suas possibilidades de interações e compensações sociais existentes naquelas relações. O futebol possui ligação histórica e simbólica com a religião, outra área afetada pela dinâmica da vida urbana. Para GIULIANOTTI (2010: p.34), o futebol “*substitui a religião como instituição que une as pessoas, ao mesmo tempo que deu origem ao estado de êxtase emocional anteriormente associado à cerimônia religiosa*”.

### Referências bibliográficas

- BUFORD, B. *Entre os vândalos: A multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- MURAD, M. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- VELHO, O. G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- WHYTE, W. F. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

